



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVIII—N.º 454—Preço 1\$00
5 DE AGOSTO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

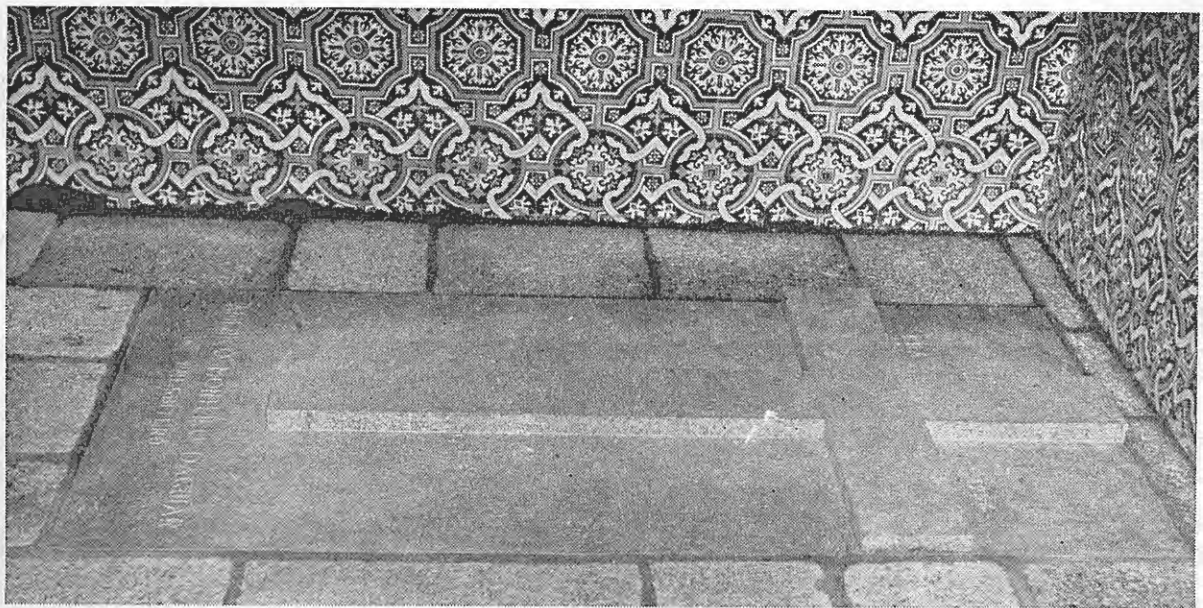
FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



PAI AMÉRICO

T R A S L A D A Ç Ã O



Foi como prevíamos: simples, familiar, sentida.

Depois de todo o programa cumprido, um dos presentes me dizia: «Gostei tanto da Missa...! Foi tão Missa...!» Se realmente assim foi, foi tal qual desejámos que fosse.

A preparação do corpo, sábado anterior ao dia 17, deu lugar a duas noites de vigília. Todos os mais velhos passámos por junto à campa, hora a hora, a merecermos a graça de termos mais connosco o Pai. Não que ele nos tivesse abandonado alguma vez! O seu espírito sempre pairou sobre nós! Mas, carne como somos, gostamos de completar a presença com os restos da sua carne.

Junto ao Altar, onde mora Jesus-Vivo, permanecerá a «Semente morta» de que Deus quis servir-Se para gerar o Corpo que somos nós, os filhos da «Obra da Rua». Duas presenças infinitamente distantes, a segunda recebendo o seu sentido da primeira, — mas ambas sugestivas e clarificadoras do mesmo fundamental Mistério: a Vida que vem pela morte.

Disséramos, ao anunciar a probabilidade da trasladação, que quem estivesse, estaria como amigo, sem outro título no caso, por muitos que o ornassem.

Assim foi: não convidámos ninguém. Nem avisámos, sequer, quase ninguém. Até à véspera, estivemos na incerteza, não da licença oficial, mas da sua publicação a tempo. Quem veio, veio porque quis, espontaneamente, fosse ministro ou povo humilde — e esta circunstância tornou indizivelmente sa-

continua na segunda página

4 DE AGOSTO

Foi há quatro anos. A gente não se cansa de recordar.

Tanto ou mais do que pela memória, recordar é tornar a passar pelo coração a imagem de alguém ou de um facto.

A Sé do Porto estava cheia, naquela manhã. Nós e os nossos rapazes assistíamos à ordenação de Padre Manuel António. Terminada a cerimónia, o nosso Bispo, de vestes pontificais, báculo na mão, mitra na cabeça, dirige-se aos novos sacerdotes e à porção do seu rebanho que enchia a Catedral e fala da «Obra da Rua», com o enlevo de um Pai que segue em esperança os passos do filho. É uma palavra de compromisso! Houve anteriormente vários outros sinais de estima e confiança, mas esta é a primeira palavra pública e solene da Igreja a respeito da Obra.

Grande alegria e grande responsabilidade para nós! Tanto quanto a nossa fragilidade é capaz, temos procurado não desmentir aquela esperança e revigorar a inserção na Mãe Igreja, de quem recebemos o ser e, em cada momento, a eficácia no agir. Para Ela todos os frutos e toda a glória que o Senhor queira colher da nossa acção!



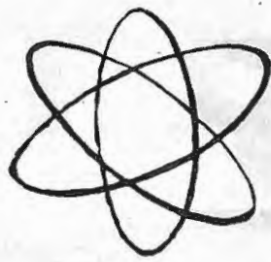
É extraordinariamente notável este período de fins de 1922 até àquele 21/Outubro/1923, data da sua partida para Espanha.

Este novo dossier, agora posto à nossa disposição, vai encontrar-se com a série anterior, dada à estampa no nosso jornal a partir do n.º 412 de 16/Dezembro/1959.

Na carta de 26-9-22, ultimamente publicada, o Américo confessava ao Amigo a sua perspectiva de próximo desemprego e a ignorância do que iria ser a sua vida. Passou mês e meio.

Está contente com o seu novo lugar que lhe permite «aprender um ramo de vida perfeitamente estranho ao meu trabalho de sempre». Apesar disso encara a possibilidade de uma mudança — e não será uma, mas várias as que irão suceder-se ao longo de um ano, até à mudança definitiva: a sua consagração ao serviço de Deus e dos homens, por amor d'Ele.

Naquele tempo acontecia também uma evolução na vida profissional do Amigo que o levava



FACETAS DE UMA VIDA.

a pôr a alternativa de trabalhar por conta própria. Decerto hesitava entre «deixar aquilo que V/ chama certo pelo que V/ igualmente chama incerto», porque o Américo exorta-o à confiança em si mesmo, tendo em vista o seu passado profissional.

Ouçamos o que ele diz em carta de 11 desse mês:

Sobre a minha situação, — A Companhia Portuguesa do Ultramar dissolveu-se, tendo passado para Breyner & Wirth quase todas as Agências que formavam o grosso do negócio da CPU. Com essas Agências veio a da célebre casa Orenstein & Koppel Lda. Enquanto na CPU, eu tinha a

meu cargo a agência da DOAL que por si própria era mais do que o que eu poderia fazer se fosse a trabalhar como devia, quero dizer, se o trabalho fosse aquilo que devia ser, mas além disso tinha também que olhar por tudo, muito pela rama, porque era materialmente impossível tocar os burros todos que me punham na estrada. Ora eu não tinha tempo para escrever cartas, mas ditava-as a um typista que ali havia e tinha sempre o cuidado de lhe recomendar que todas as cartas por mim ditadas teriam que levar, na margem esquerda, ao fundo, — «AMA».

Ditava muitas cartas referentes a

negócios de Orenstein & Koppel, e quando da passagem desta Agência para B&W que o Director daquela firma veio aqui de propósito para fechar, quis saber quem era o senhor «AMA» e pediu a B&W que me tomassem. E eu aceitei porque gosto de aprender um ramo de vida perfeitamente estranho ao meu trabalho de sempre. Aqui, na B&W, só me ocupo da Agência O&K. Dá-me que fazer porque a Agência estende-se a toda a Província, mas é um trabalho incomparavelmente mais suave do que o que larguei. De resto, A. e G. são excelentes pessoas e auxiliam-me imenso. Eu tenho positivamente que estudar o meu novo trabalho e terei mesmo que ir a Fburg estar umas semanas com um dos Engenheiros da casa, para conhecer um pouco da técnica do serviço.

Ouçamo-lo de novo na carta de 11/11:

V/ deve ter aí no Funchal o nome e a fama que tem tido em todas as terras por onde tem andado e justamente para o ramo de negócio que se lhe inculca, o nome e a fama são as melhores garantias que poderá oferecer. Por essa razão, não acredito que os que o aconselham a tomar essa iniciativa, auxiliando-o pecuniariamente, lhe encontram somente qualidades de financeiros: o que eles encontram em si é o nome, porque financeiros há muitos mas no geral são financeiros... para si próprios.

Por outro lado, pode muito bem ser que a acção de que acaba de ser vítima, venha pesar mais ainda na balança da sua simpatia e isso ser mais uma razão para que o comércio dessa praça o acompanhe e lhe confie as c/cts.

Todos nós devemos trabalhar para a nossa independência, sobretudo quem tem família e portanto quem tem que arrostar com as dificuldades da sua educação. É verdade que trabalhando para os outros o mesmo quer dizer que para nós trabalhamos, mas também é bem certo que quando trabalhamos por conta própria, esse trabalho é-nos imensamente menos custoso e mais agradável.

V/ tem dado toda a sua vida provas de grande competência, cuidado e zelo na tarefa que lhe está a cargo e se para os outros sabe desempenhar o seu lugar com plena satisfação, não compreendo que para si próprio não seja capaz de se sair bem de qualquer empresa em que se meta.

O que acabo de lhe dizer nestes parágrafos são factos, não teorias. E agora, tentando esboçar igualmente os factos, melhor, os factores que o obrigam a hesitar, temos a sua pusilanimidade, receio de falar na sua iniciativa, receio ainda de comprometer capitais que lhe não pertencem, deixar aquilo que você chama certo pelo que você igualmente chama incerto.

Eu também sofro muito desse mal, e assim é que agradando

muito aos meus Superiores pelas qualidades de trabalho que possuo, nunca fui capaz de usar essas qualidades em meu proveito exclusivo. Nem mesmo tenho jeito nem iniciativa para trabalhar por conta própria.

O seu caso, no entanto, está muito longe de ser razão para você deixar abandonar o que se lhe mete pelos olhos dentro. Você não deve nunca deixar de meditar muito profundamente na chance que se lhe depara e nos bons elementos que a compõem.

Por isso eu sou de opinião que deve estabelecer-se no Funchal por conta própria e nessa altura pode contar com a minha pessoa para correspondente da futura casa Bancária. Pelo que diz respeito à secção comercial em que me fala, talvez eu pudesse ser de algum auxílio se bem que me faltam elementos pelos quais possa fazer um juízo seguro das condições comerciais da ilha. Sei apenas que exporta bordados, manteiga e vinhos.

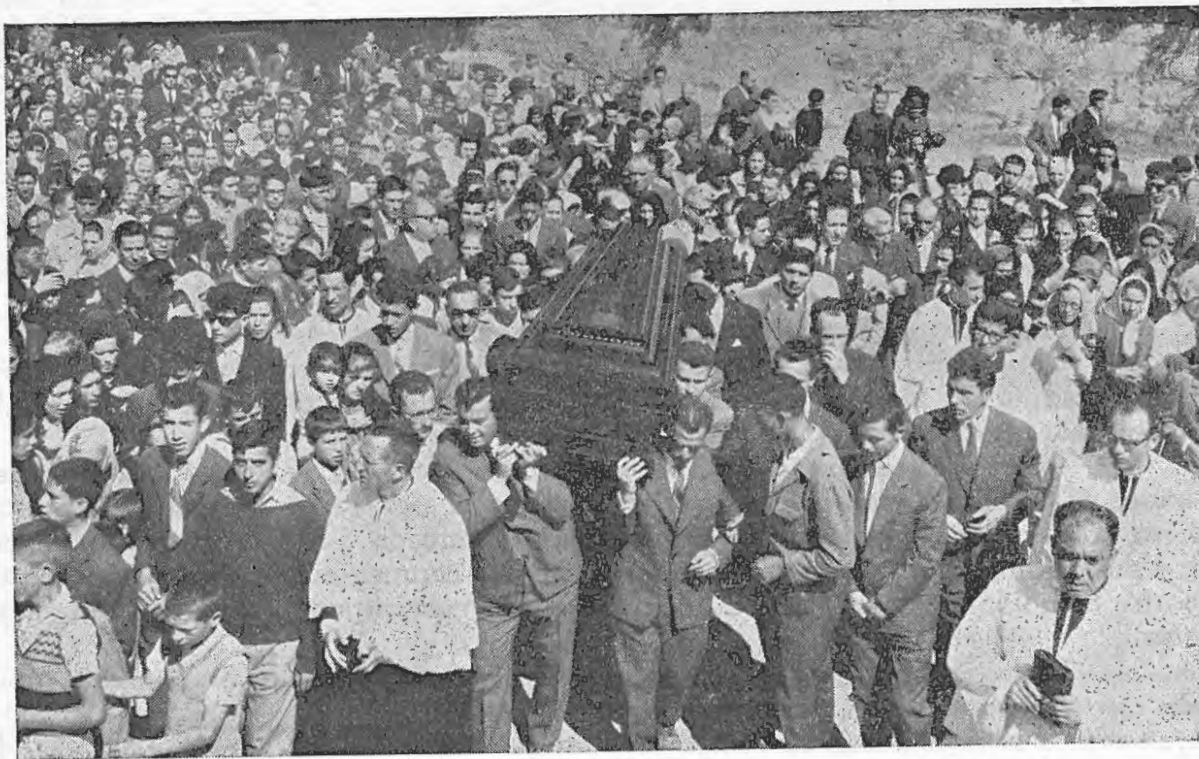
Claro que se eu for serei também um dos depositantes da casa Bancária e poderei mesmo levar umas centenas de libras, ouro metal, que creio o Standart me entrega se eu lhas pedir e assim aumentar as reservas metálicas se tanto for necessário.

E aqui fica a minha opinião e o que se me oferece dizer de momento, sobre a sua carta última. Agora espero com muito interesse ouvir o que tem para me dizer.

A hipótese de vir para o Funchal põe-se pela primeira vez. De ora em diante, os factos achados em si mesmos, parecem-nos algo precipitados. Mas nós, agora, vemos de longe; e, regressados a então, olhamos para longe — e compreendemos melhor aquela confiança, quase entrelinhas, que esta carta regista: «...agradando muito aos meus Superiores pelas qualidades de trabalho que possuo nunca fui capaz de usar essas qualidades em meu proveito exclusivo. Nem mesmo tenho jeito nem iniciativa para trabalhar por conta própria».

Pois não! A sua grandeza estava escrito que seria outra. Usar as suas qualidades em proveito dos outros por conta de Deus.

PAI AMÉRICO T R A S L A D A Ç Ã O



vem da primeira página borrosas as suas presenças e permaneceu aquela multidão nos mesmos sentimentos.

Houve, porém, uma presença, igualmente inesperada, de Alguém que não pode despir-se da sua condição que ela está-lhe gravada na alma para a eternidade. Foi o Prelado da Diocese onde a cerimónia decorreu, à qual está particularmente ligada a «Obra do Pai Américo».

Com o Prelado e n'Ele, era a Igreja que ali estava, sentindo com a Família da «Obra da Rua».

Presença singularmente honrosa e consoladora foi essa, para nós, que não desejámos outro testemunho do que o da Mãe Igreja, a quem servimos, presença significativa de mais

um ande lá, como aquele que um dia Pai Américo ouviu da boca do Bispo que lhe deu o sacerdócio.

Mas não estavam ali, somente, os que enchiam com tanto aprumo e respeito, o adro da nossa Capela. Longe, na distância, muitos mais do que aqueles a venceram pelo coração. Cartas, telegramas, esmolas, gente conhecida e desconhecida... — tantas manifestações de comunhão conosco! E quantos outros que se não pronunciaram, se terão associado àquela homenagem, quantos!...

Tivemos este dia como um de muitos dias grandes que o Senhor nos tem dado sem que de nós os mereçamos. Que Ele nos dê a suprema graça de Lhe correspondermos.

X X X

ORDENAÇÃO E
MISSA NOVA

É 29 de Julho a data que

nós costumamos celebrar, dia da sua Missa Nova.

Passaram trinta e dois anos. Pai Américo gostava de contar a idade a partir do seu nascimento sacerdotal. Tempo perdido — lhe pareciam os anos passados...

Tão novo, ainda — diríamos nós, tomando em conta a idade do seu sacerdócio.

Aparências para ele..., aparências para nós. Foi sacerdote quando Deus quis. Foi para o Céu quando Deus quis. Vinte e sete anos bastaram para deixar rastro indelével. Também Deus os achou suficientes para o encontrar maduro e o colher na meta da corrida, após a qual vem o prémio.

Que nós, todos os seus filhos, reunidos aos pés do Altar, ao pé do seu túmulo, nos enchamos da certeza, tão simples quanto essencial, de que o melhor modo de honrá-lo é imitá-lo — e o imitemos.





A

estreita escadaria cavada na rocha dos Guindais é demasiado íngreme. Por vezes a penumbra cai sobre nós ao passarmos arcos abatidos unindo e suportando as densas moradias, que parecem acotovelar-se umas às outras. Crianças nuas espreitam os transeuntes. Mulheres de trabalho preparam atarefadas a refeição.

Lixo entornado estorva-nos o andar. Despejos tornam o caminho escorregadio. Respira-se miséria. Mas subimos sempre. A ascensão sinuosa prepara-nos o espírito para enfrentar o drama que aqui nos guinda. A derradeira casa apresenta-se esburacada e em ruínas. Dir-se-ia desabitada, mas não. No quartito do fundo, em cama de madeira, ainda vive uma pobre mulher paralítica. Em redor, tudo é desalinho. Pergunto se mora só. Que não. — «Sou viúva, mas estou com um homem, que não é meu. Ele anda a pedir. É muito doente. Quer que eu arranje a sair deste covil e me separe, que não é bom estarmos juntos. Não somos nada um ao outro. Ele tem sido bom para mim. Não me desampara, mas anseia que eu alcance um cantinho onde esteja bem entregue e possa morrer como cristã».

Não são necessários mais argumentos para levar esta pobre inválida ao Calvário. Basta o desejo enorme, aqui revelado, de libertação do mal. Que alegria nós não colhemos ao verificar que não se sumiu ainda do mundo o sentido do mal! E, se este tantas vezes se perde, é porque não se vai a tempo, e deste modo apaga-se a chama que teima crepitar. Não fazemos favor algum indo ao encontro dos Pobres, porquanto somos nós os mais beneficiados. Amando os Pobres tornamos o nosso mundo melhor.

E eu preguei os trâmites da paz, pela mensagem de Jesus vivida por Pai Américo! Ela é tão simples, tão singela. Somos todos irmãos. Filhos do mesmo Pai. Com a mesma herança. Destinados a conviver eternamente à mesma mesa!

Os homens não têm acreditado. Já naquele tempo assim fora. Os olhos estavam vedados. Ora nós vamos tirar o véu e mostrar a vida; levar para o altar os milhares de dores com que nos carregam os nossos irmãos, gritar que assim não pode haver paz; não fazemos construtores da paz e disse... e disse... a gente tem tanto que dizer!...

A multidão reagiu. Tinha mesmo de reagir. Não era eu, era Ele que chorava. Lágrimas de dor e de amor!

x x x

Parecia contente, mas não vinha. Uma multidão que se poderia multiplicar por dez não me ouviu. Não foi à Igreja. Ficou cá fora. Para esses o véu é terrivelmente espesso. Não se desfaz com as primeiras razões. Eu conheço muitos casos. A minha curta experiência de pobre de pedir confirma-o. O véu é de aço inquebrável.

Vi-os cá fora. Nas ruas, nas praias, nus, semi-nus ou aparentemente vestidos. Despreocupados. Dominados exclusivamente pelo Excelentíssimo Senhor Eu a quem nada se pode negar.

Padre Acílio

Seria criminoso consentir, ainda que tácitamente, na estadia desta paralítica na encosta dos Guindais.

Não é de espantar que haja pecadores nas mansardas lúgubres; mas é de pasmar, sim, que possam aqui viver os santos! Os maiores deles não vivem na praça pública, nem no santuário, muito menos na opulência. Moram, sim, paredes meias com a miséria, acalentando fortemente o dia da libertação do mal, em que tombarão, sabe Deus por culpa de quem!... O curioso que vai por lá ausculta grandezas que o enfiam pela terra abaixo. Que confusão e pequenez sentimos! Santos, e muitos, habitam nas mansardas! Quão presente o Senhor está ali à oração do Pobre, perenemente amargurado pelo mal, mais que pela miséria, se bem que esta é tantas vezes o germen daquele.

A lista que vamos dar é manifestação, não de contributo, mas de débito que muitos sentem para com os Pobres. Se muitos caíram é talvez porque não os sustentámos erguidos. Somos pois devedores. Altamente devedores para com os Pobres que vivem na miséria e no mal. Creio que nunca nos colocamos tanto no lugar que Deus deseja como ao fazermos-nos devedores uns dos outros.

Professores da Escola Josefa de Óbidos enviam lençóis e cobertores. Que carinho nesta presença anual! Engenheiro do Porto vem com 500\$. M. Amélia com 50\$. Outro tanto de mais uma portuense. Mimos para a Maria Alice. Migalhas de M. P. Roupas e medicamentos de proveniências várias.

Assinante desfaz-se de uma lembrança dos padrinhos. Com muita admiração vem a «portuense qualquer». A «humilde portuense» faz o mesmo. Visitas deixam quantias diversas, e todas o mesmo amor aos doentes. Casal do Porto entrega 250\$. Peccator 60\$. Em Penafiel há ardor. De uma vez vieram 100\$, doutra 500\$. Um avô vai-nos dizendo os meses que o neto faz. Vai no quinto. Da Trindade 200\$. Da Corticeira 500\$. Do Porto duas máquinas fotográficas. Padre Aires também ficou contente com elas.

Senhora de Lisboa vem de tão longe entregar-nos mil escudos. Traz pessoas amigas para todas se regalarem com este ni-

nho de doentes. Eu caio de joelhos diante de tamanha devoção. Jesuíta amigo vem com doces e óbulo que lhe entregaram. Emília de Lisboa pede a benção do seu lar. Padre Horácio entregamos mil escudos. Padre José Maria um pouco mais da capital. Cândida uma libra. «Portuense qualquer» implora a conversão dos pais. Uma doente entrega a migalha costumada para os doentes. Os filhos da Obra amam os braços da mesma. Este vem de África com a família e depõe-nos nas mãos «pequena lembrança (mil escudos) para os nossos irmãos doentes: que eles peçam ao Senhor pela minha filha paralítica, Ana Maria».

Dias sobre a visita do Senhor Doutor Martins de Carvalho, chega-nos um cheque de cem mil escudos.

A ex-triste portuense diz que passa a ser «portuense Maria» por não concordarmos com tão feio apelido. Vem com 200\$ para «que o Senhor não me deixe cair em tentação». Que helo mas tão singular modo de orar. Devoto do Porto com 500\$ por graça obtida. Pecadora com óbulo mensal. Anónimos, quando lhes dá jeito, com migalhas várias. Mãe de Gondomar com presente. «Humilde portuense» torna satisfeita. Júlia com 60\$. Madalena de Moçambique também não esquece os doentes. Doadora de sangue é muito certinha com 20\$. Emília com soma igual. Raúl do Porto com 100\$. Viúva de África com 20\$. Avó doente de Gaia apresenta-se com 200\$. Maria da Luz com outro tanto. Hermínio com metade. Outro anónimo com 1.500\$. Cruz da Beira com 500\$. Viúva de Júlio com 100\$. C. B. P. com a mesma quantia. Inês com metade. Alonso com 150\$. «Pecadora arrependida com desejo de que os doentes se distraiam com cigarros». M. C. afirma que vai na quarta prestação.

De Portugal, Dundo, 100\$. Mondrões marca presença. Alguém de Miranda do Douro manda-nos 1.000\$ em acção de graças após tratamento feito. Para a Maria Alice lembrança de Vila Fernando. Por graça recebida 300\$. Com pedido de oração, por alguém que perdeu a fala, entregam-nos uma pulseira no Coliseu.

De Alcaboa vem 200\$ muito entusiastas. De Madalena metade. De Travassô mil escudos «de minha mulher». De S. João da Madeira vem com 100\$ «com pena de serem só». Da Covilhã 1.000\$.

Com súplica pela conversão dos pais vem amiga verdadeira de Lisboa e uma exclamação medonha — «Quem me dera ser rica».

Os excedentes aos pagamentos da assinatura continuam a ser quase todos para o Calvário. Mais 100\$ de Coa. Outro tanto do Porto. O mesmo de quem não pôde ir ao Coliseu. Metade de Chaves. E de Cinfães também. De Lisboa 200\$. De Barcelos migalha. Outra de T. Vedras. Outra de Mafra. Mais outra de Albergaria a Velha. E ainda outra de Guimarães.

Mais 200 angulares. De Caniçais vem 500\$ de promessa. De Leça uma lembrança. Do Espelho da Moda notícia de quem ali esteve discretamente.

Eis o débito que tantos saldaram. Estamos contentes. O Senhor mais.

Padre Baptista

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA—O ímpeto amor-teceu um nadita! Porém a gente não desanima. É o verão, mai-las praias e termas. As férias. Uns dois, três meses de compasso. Sobretudo Lisboa teve uma queda brusca. O Porto, vá lá, mantém sensivelmente o fiozinho do costume e segue radiante.

Entretanto, os senhores e as senhoras da capital quando souberem do «desastre» não-de espevitar e não-de vir por aí fora de mãos cheias. Não dou a certeza, evidentemente... porque não sou profeta. Mas acordam! Disso estou certo.

*

DO MINHO AO ALGARVE—Este sector permanece cheio de vitalidade. As cidades, vilas e aldeias, ditas provincianas, dão lições de grande categoria. Atenção a Vila Nova de Famalicão:

«Peço o grande favor de me passar a mandar «O Gaiato», aqui a melhor «prosa» que se publica em Portugal. Todos deviam ser assinantes!»

Que dirá o senhor que já há muito tempo escreveu a Pai Américo criticando asperamente o Famoso por ter uma prosa do interior do Bie?! Mas esta assinante, de certo, não admira o jornal pela sua literatura, mas pelo que ela transpira de Verdade, na difusão do sofrimento imerecido dos Pobres, imagem e semelhança de Cristo Nosso Senhor. Isso sim.

E a procissão continua! Temos agora uma presença que é uma chama viva — o assinante 9330. Escreve hoje, da Póvoa de Varzim e afirma:

«Conseguí mais um amigo que pretende ler o que há de mais verdadeiro e que uma grande parte da sociedade esquece e só pretende lembrar-se quando está agonizante. Se Deus me ajudar eu continuo a viajar e a trabalhar pelo Famoso».

Muito bem, prezado amigo! A sua carta diz, uma vez mais, como sabo-

reia eficazmente a leitura do nosso jornal. Permita Deus que a longa lista de assinantes que propõe, e continua, propondo, aproveite a sua lição. Por isso, ela aqui vai.

E mais Queluz em grande forma. E Barreiro (um viveiro de assinantes!). E Vila do Conde e Santarém e Bragança:

«No princípio deste segundo semestre venho enviar mais estes 3 assinantes. Que os mesmos no futuro possam ser estrelas a dar exemplo nesta ocasião tão conturbada».

Estou muito contente. Três-os-Montes segue de flâmula erguida e respeita cem por cento o nosso objectivo: Assinantes que leiam e se incomodem; pedras vivas nas construções e realizações da «Obra da Rua» — filha dilecta do Santíssimo Nome de Jesus.

Mais Ponte da Barca e Ermezinde e S. Mamede de Infesta e Penafiel. Estou admirado.

*

ULTRAMAR E ESTRANGEIRO — Onde haja um português, «O Gaiato» bate à porta!

O Ultramar desanimou um nadita. E compreende-se. Trouxemos e recebemos de lá, durante um ano, cerca de 2.000 assinantes! Temos hoje aqui presente uma deputação de Lourenço Marques, cidade jardim, capital de Moçambique e campeã ultramarina de assinaturas do Famoso. Por isso, e como é natural, temos-lhe uma predilecçãozinha especial.

Os portugueses da América vão acordar? Há muito que não recebiamos gente fresca daquelas bandas.

E há por lá tantos portugueses!

Finalmente, um novo leitor da Alemanha. É português, evidentemente. E onde um português, aí um «Gaiato» — elo forte que une a Família Lusitana espalhada pelas quatro partidas do mundo.

Júlio Mendes

Aqui LISBOA

Vamos hoje abrir os caboucos da nossa Colónia de Férias. Que alegria ao receber pelo telefone a confirmação do local. Neste momento estão vinte dos mais pequenos e precisados. São os das feridas e os mais enfezados. Quando lá vou, não se contém sem vir contar as suas partidas, as suas aventuras sobre as rochas à procura de mariscos, as idas aos pinhais. É o sangue a ferver. Alguns parecem outros. A maresia tisonou-lhes o rosto, a água curou-lhes as feridas. E as da alma também se vão curando melhor, com a ajuda interessada e meiga dos seminaristas que os acompanham. A imensidão do mar impressionou-lhes a alma. As ondas brilham nos seus olhos e na cara transparece a alegria. A vista mais triste que ali há é a dos nossos barracões. Levantados em madeira, com os anos e a inclemência do tempo esta apodreceu e esburacou-se. Cobertos de lusalite, a chapa foi-se partindo forçada pelos caçadores de pardais e o vento fê-la desprender e cair, despedaçada. Não podemos mais estar ali. Porém, o sacrifício suporta-se saborosamente, vendo agora tão perto a nascer a nova Casa.

É muito pequenina para ser bonita. Cozinha, dispensa e refeitório. Duas camaratas e dois quartos. Por baixo uma pequena cave para arrumações. De alta que fica é um mirante sobre as

praias para o lado da Ericeira, e os montes para nascente. A costa rochosa abarca-se até ao cabo Raso. É um mirante sobre o mar. Como eu queria que fosse bela como estes Rapazes com o sol a iluminar-lhes o rosto.

O nosso Padre Carlos foi o arquitecto. O mestre de obras o Tio Tónio. Snr. Manuel mais os vinte que agora vão substituir os que estavam em cura, os obreiros. Temos carrinhos de mão, picaretas e pás arranjadas na nossa serralharia. Padiolas na carpintaria. Temos alguma pedra partida perto do local, para os alicerces. A promessa de tijolo da Fábrica dos Leitões na Ericeira. E por agora é tudo com que podemos contar e o que podemos dizer. Já pedi aos meus Rapazes que este ano renunciem alegremente à ideia de férias na praia. Este ano temos de trabalhar duro, para gozarmos soberbamente o fruto desse trabalho.

E não digo mais. Vou partir com a carrinha carregada de coisas. Vamos começar. Levo o coração cheio de amor e esperança nestes Rapazes. Que eles nem ninguém me deixe esmorecer.

Padre José Maria



AGORA

Lisboa e Teixoso reagiram ao artigo «Doutrina» do jornal de 24 de Junho e apresentaram-se com suas pedras para a casa do operário das Caldas das Taipas. Com a ajuda de Deus, através de homens bons, ele tã-la.

Este pendão dos *Avulsos* segue com Lisboa que pede se reparta de 500 o restante da sua assinatura, por Património e Calvário. E Braga e outra vez Lisboa e o assinante 15595 mai-lo 20856 (?) com restos de assinaturas. E duas promessas: uma de 150\$00, e outra de 500\$. Mais 4 mil.

Agora passam os *Pessoais*. São o do Grémio da Panificação com Abril e Maio e Junho e Julho, mais o da HICA com os três últimos meses e a Administração com 12.662\$20, tanto quanto os seus empregados totalizaram no primeiro semestre.

Vêm a seguir os que *concorrem em comum* para as casas de sua devoção: 20\$00 para a «Casa de S. Carlos»; 100\$00 para a «de Nossa Senhora da Piedade» e o chamamento à colaboração de todas as Piedades; 50\$00 para as «Casas dos Farmacêuticos»; igual quantia, de N., para a «Casa Rainha das Virgens»; e o dobro para a «Casa dos Professores Primários»; 100 e 50 para a de «Nossa Senhora do Carmo»; e finalmente, Nampula, pelas mãos do Rev.mo padre Niza, com mais 1.365\$00 para a «Casa de Nampula» e muitas assinaturas e «vai fazer um ano que visitou estas terras. Disponha as coisas e volte. Se não puder vir, mande alguém da «Obra da Rua».

Com licença, agora, para passarem os *das casas por inteiro*: «Casa de S. Luís», que foi entregue a P. e José Maria com desejos de que fique próximo de Lisboa. Outra de Dundo — Angola e este pedido tão delicado: «O local e o nome da mesma deixo ao inteiro dispor de V. No entanto, se for possível, gostaria que se chamasse «Casa do Rui», sendo este um pormenor secundário, pois só uma coisa me interessa: saber que contribuí para que uma família tenha onde abrigar-se

do frio e possa viver com um pouco de comodidade.

Tão martirizada a nossa Angola, mas ainda tantos que se não esquecem dos para quem o desconforto e a incerteza são o estado ordinário! Outra casa dada por gente de além-mar, agora em licença graciosa. Ora escutem:

«É um sonho que consegui realizar e nele pensava há meia dúzia de anos. Deus ajudou-nos pois o meu marido foi aumentado nos vencimentos. Podendo eu assim fazer algumas economias. Por isso esta casa será em acção de graças pela saúde de meu marido e também em memória de Maria da Graça e Francisco. Muito gostava que fosse construída em Coimbra. Se fosse possível. Se não puder ser em Coimbra, poderá ser em Mangualde? Se não puder ser nem num lado nem noutro, farão onde entenderem. Muito agradecia que depois tivesse a placa: «Maria da Graça e Francisco».

Fecham este grupo as *Raparigas do Liceu Rainha Santa Isabel do Porto*. É a 4.ª vez que cá vêm. É a «Casa do 4.º ano». A Reitora mais as professoras não desanimam. Esperam conseguir tantas quantos os anos do curso liceal. Mas depois, temos a certeza de que lhe ganharão o gosto e não há-de parar mais! São aulas práticas de Sociologia Cristã que dão às suas alunas. Quem dera que em todas as nossas Escolas, de todos os graus, houvesse igual inquietação!

Agora vão os dois grupos mais numerosos. Eu faço sempre confusão entre eles. Umas vezes junto-os, outras separo-os. É consoaente!...

Pois hoje vão separados. À frente os *de todos os meses*, que não juntam para uma casa, mas para o *mons parturiens* donde saem as casas: «O que poupa 20\$00» do tabaco, por três vezes; o assinante 6790, outras tantas (fica na 78.); o Alberto, do «plano decenal», quatro vezes; do «Pequeno Louvre», menos uma; menos uma vez ainda o E. D. M., pedindo a paz; e o Marco três e a Alda, do Ribatejo, que se queixa

de não ver sinais da sua remessa, mas saiba que ela não falha em cá chegar.

E vamos lá agora ao pelotão final:

Mais 500\$ para o «Lar de Nazaré» e 200\$ para a «Casa da Avó Ema» e a 5.ª de uma «Admiradora da obra para a «Casa de Santa Filomena» e 1.000\$00 da Beira, para o «Casal Maria José». Helena aparece duas vezes e fica na 12.ª. A Mariázinha e o Artur «cá vamos com a nossa ajudazinha, pela paz de Angola e pela saúde de nossos pais e querida filhinha». Ó formosura de casal que não faz fenda entre o amor dos pais e o dos filhos!

Alto!, que vem aí a Venezuela, pelas mãos de um médico português: «Espero dentro de alguns meses poder enviar o total que falta para a «Casa de Nossa Senhora da Boa Nova» e, para melhor orientação muito lhe agradecemos o favor de nos dizer quanto falta para a dita casa». Ora para a dúzia faltam 8.200\$.

No Tojal, uns pózinhos a passar de uma casa. É das alunas do Liceu Rainha D. Leonor. E afinal não é só no Liceu da Rainha Santa que se estuda Sociologia prática! E outros Liceus têm ocorrido. Só tenho pena que os de raparigas levem a dianteira aos de rapazes. Ainda entregue a Padre Zé Maria, metade de uma casa que há-de chamar-se «de Nossa Senhora das Dores».

A «Casa do António e do Fernando» fica em 6.800\$00. A «Serafina e Biágio» em 8 contos. A «Carolina» levou duas achegas de 200 cada.

Ora aí vem o «sempre feliz casal de noivos». Deus os conserve e os abençoe! Eu lembro-me muito bem de sua visita na lua de mel. Em Abril voltaram e deixaram 100\$ para a Casa de Santo António. Agora mais

«Há um ano quando passámos por aí fomos em «lua de mel». Este ano já levaremos um filhinho que Deus nos concedeu e que queremos ensinar a amar a vossa Obra, como nós a amamos.

Visitámos também o Calvário e os nossos corações sentiram-se pequeninos ao contacto de tanto sofrimento sublimado. Como não podia deixar de ser, chorámos ao ver o pequenito, destroço humano, por culpa do egoísmo de todos nós.

Desejamos que nossa filha não fuja desses destroços humanos, mas que aprenda a amá-los e a dar-lhes de si própria.

Somos novos e se Deus nos der saúde havemos de ajudar a vossa Obra e se Ele nos conceder mais filhos, queremos educá-los a todos nestes princípios.

Pedimos a Vossa Benção para nós e nossa filha e apesar do tempo passar continuamos a sentirmo-nos o Sempre feliz casal de noivos».

Surge «Um pobre pecador» com 6 contos:

«Sendo 2 para a conclusão da Casa de Nossa Senhora de Fátima e 4 para 2 novas casas do Património dos Pobres, se possível juntas e que serão chamadas: *Jesus Crucificado* e *Jesus Ressuscitado*.

Espero, e nesse sentido farei todos os esforços, que me seja possível enviar sem grande demora os 20 contos que faltam para estas casas.

Antegozo o prazer de as poder visitar incógnito e em silêncio.

Estas casas são uma promessa feita em hora grave da minha vida. Deus ouviu-me. É necessário que eu também O oiça.

Um grande pecador»

Ai procissão! onde há outra que leve mais amor?!

Mais outra fogaça, tão linda. Assina-a «Uma Mãe»:

«Os 500\$00 que junto envio é se Deus quiser a 1.ª prestação para uma casa que desejaria estivesse edificada e fosse entregue no dia em que o meu filho mais velho concluir a formatura o que infelizmente ainda está longe visto estar no primeiro ano da Universidade.

Sempre que possa irei mandando para ver se consigo ver a minha aspiração realizada.

A casa será onde os senhores vierem que é mais precisa.

Que Deus ajude a vossa Obra e aos meus filhos que não falte as Suas benções.

Uma Mãe»

E outra Mãe, «a que crê em Deus». Três meses, três cartas, três donativos, três declarações do seu amor à Obra da Rua.

Os senhores da casa «A nossa Paz» leram muito bem o que se disse há meses no nosso jornal e resol-

Cartas dos nossos no Ultramar

Que esta carta os encontre de boa saúde são os votos mais sinceros deste filho da Obra, que se encontra longe, e para mais longe seguirá ainda em serviço da Pátria. Em Nacala será o desembarque, termo da viagem marítima.

Agora sinto mais as saudades. Há muito que andava arredado da Oração, mas tenho encontrado nela todo o meu conforto moral como nos tempos em que aprendia a doutrina cristã na nossa Casa do Tojal. Vou recordando com saudade todos os pequenos pormenores referentes à minha vida na Casa do Gaiato.

Já estou farto de mar. Água, só água e mais água. Tenho a impressão de que ainda vou dar em aquário. Quanto ao enjoo não é comigo; comer sim, agora deitar fora não cola para o meu feitio.

Parto ainda hoje para Moçambique. De lá, tornarei a escrever quando souber a direcção fixa, pois espero que me venham notícias depois de lá estar.

Farei todo o possível para honrar o nome da minha Mãe de tantos anos: a Casa do Gaiato. Pai Américo também não é esquecido. Tudo lembrarei, matando saudades assim, neste torrão português.

Por hoje é tudo e mais nada. Cumprimentos para todos. Receba um grande abraço do que lhe beija a mão,

OSCAR MANUEL

*

Saúde e boa disposição são os meus desejos, que eu graças a Deus estou bom.

Fizemos uma viagem magnífica a bordo do «Vera Cruz» embora al-

guns tivessem passado um mau bocado ao chegar ao Equador, mas de resto nada mais; houve cinema e diversões todos os dias, banho na piscina, etc.

Ao sair do Porto é que me custou mais pois a rapariga atirou-se para mim a chorar e eu também não resisti e chorei como uma Maria Madalena, mas tenho confiança nela e quando regressar hei-de unir-me a ela para sempre. Se o Senhor Padre tiver a oportunidade de a conhecer há-de gostar dela.

Aí no Porto, no Regimento, tivemos uma festa de despedida na «Parada» seguida de missa e comunhão. Só menos de metade é que não se confessaram, eu já não o fazia há muito e foi para mim uma grande alegria tomar o Senhor, talvez igual à primeira vez que comuneguei.

Por aqui reina muita calma, em Luanda claro ainda não vi nada de extraordinário, só quando formos para o mato é que vamos ver o «papão» que não nos assustará à primeira.

Se não fosse a odisseia dos homens talvez não houvesse nada disto, preto ou branco todos temos uma alma para responder no Juízo Final e é pena que alguns não pensem assim. Devemos ir para o mato por esta semana toda.

Querida pedir ao Senhor Padre Carlos que me mandasse o nosso jornal e a Voz dos Novos, jornais estes que são necessários para lutarmos pela vida. A sua doutrina é um bálsamo para a nossa alma. Se todos os homens o lessem e se emendassem não estaria agora tão distante. Por hoje nada mais. Saudades para todos os meus irmãos e o Snr. Padre Carlos receba um saudoso abraço do

JOAO DE BUARCOS

África



U nem sei o interesse que possam ter estas crónicas, de tanto que têm para mim, quando, ao começá-las, fecho os olhos e vou por aí fora em cada terra visitada, desde a hora em que a pisámos até à partida.

Se outro proveito não tiver para os leitores, que ao menos lhes sirva como pequenino documentário que ajuda a conhecer o que é nosso quando a provaçã nos abre, finalmente, os olhos para o que há muito havia

de encher o nosso coração.

Estamos no planalto. Subimos, mesmo, desde Luso até Silva Porto, posto o avião nos não deixe aperceber da subida. Descemos na capital do Bié lembrando aquele leitor desconhecido, que um dia, referindo o estilo linguístico do Famoso, afirmava ser ele escrito «em pretoguês do Bié»! As vozes dissonantes, se singulares, também ajudam a compor a harmonia!

Pois ali estávamos — e pena tive eu que tão apressados que não pudéssemos investigar as particularidades individualidades do falar no planalto!

Silva Porto é uma cidade plana a cerca de 1.700 metros de altitude. Clima óptimo, escolhido, mesmo, para repouso. É certo que estávamos no «cacimbo», mas eu deitei-me na noite ali dormida, com os pés ligeiramente frios.

A cidade é muito bem traçada: ruas largas, casas jeitossas, mas não há aqui arranha-céus, graças a Deus. É servida pelo Caminho de Ferro de Benguela, que traz e escoo tudo quanto o comércio e a indústria consomem e produzem. Aquele é mais desenvolvido do que esta, que se fica em Cerâmica, moagens, descasque de arroz, oficinas mecânicas e não sei se de mais alguma espécie...

O Prelado hospedou-nos e quis-nos mostrar pessoalmente uma Missão nas vizinhanças da cidade. Ele sente os problemas assistenciais. Aflije-se com o das crianças mestiças abandonadas, que são uma preocupação fundamental, e tentou já uma experiência em pequenina escala, que também nos quis dar a conhecer. Ali como cá, como em todo o lugar e sempre, a mesma característica: «A messe é grande... e poucos os obreiros».

Que pena! Silva Porto é uma cidade tão simpática! Tão formosos os seus arrabaldes! Tão prometedor todo aquele vastíssimo território que encabeça!

E tão poucos ainda deram com aquele saudável e fértil planalto do Bié! Até para o trabalharem e extraiem dele as riquezas que a Natureza oferece! Não admira, pois, que sejam em tão pequeno número os trabalhadores «in nomine Domini», dados à sagrada tarefa da reconquista cristã de todos os portugueses, de qualquer raça ou cor, que vivem naquelas paragens.

O nosso programa foi o de sempre: Visitas..., e à tardinha encontro no cinema local. Apareceu Clero, Nobreza e Povo em grande número e no ar cortava-se satisfação e amizade. Dia seguinte, após o almoço, encetámos a maior viagem de combóio da nossa vida. Todos nos tinham dito, e nós confirmámos, a qualidade dos combóios de Benguela. A viagem é demorada, que a linha desce 1.700 metros em 600 km e não dá para velocidades. Mas comodidade e trato igual não no-lo dão os combóios de cá: Um jantarzinho muito bom! Um rico sono durante a noite! De manhã um duce fresquinho e o primeiro almoço muito saboroso!

Às 11 horas estávamos no Lobito, prontos para celebrar.

Visado pela Comissão de Censura

veram que a sua casa não fosse simbólica, mas real. E aí vêm eles com mais quatro contos e a decisão de irem até aos 24, «valor aproximado do seu custo».

«Apresentação» também tem um recado:

«Querendo começar a actualizar desde já para esc. 18.000\$00 o valor de Esc. 12.000\$00 com que anualmente estou a contribuir para as 15 casas do PATRIMÓNIO DOS POBRES a que será dado o nome de «ROSÁRIO PAI AMÉRICO», passo desde este mês de Junho a minha mensalidade para Esc. 1.500\$00.

Tendo ainda de repor 20.500\$00 para a actualização das minhas prestações até à presente data, todos os meses irei fazendo uma entrega

por conta. Assim, faço este mês um depósito de Esc. 3.000\$00, ficando o atraso em Esc. 19.000\$00.

Deus me auxilie e me permita ver o fim.»

E acaba aquela assinante de Matuzinhos, a da «Casa de Minha Mãe» que bem depressa há-de ser em Leça da Palmeira, se Deus quiser.

«Com a ajuda do Senhor irei prosseguindo neste caminhar enquanto puder e espero poder sempre. Quando comecei não esperava tanto e agora espero muito mais, de tão fácil que tem sido este enviar e tão largamente retribuído na alegria de o poder fazer.

Para todos os gaiatos um abraço artigo e que o Senhor os guarde de todo o mal».